



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 6, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 6 - EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE. MESTRADO PROFISSIONAL

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.06.02>

Recebido em: **07/08/2020**

Aprovado em: **09/08/2020**

JOVENS CONSTRUINDO CAMINHOS PARA O TRABALHO: DO ENSINO MÉDIO
PROFISSIONALIZANTE A UNIVERSIDADE, YOUNG PEOPLE BUILDING PATHS TO
WORK: FROM VOCATIONAL HIGH SCHOOL TO UNIVERSITY, LES JEUNES EN
TRAIN DE CONSTRUIRE DES CHEMINS VERS LE TRAVAIL: DE L'ENSEIGNEMENT
PROFESSIONNEL À L'UNIVERSITÉ

ANA MARIA FREITAS TEIXEIRA

[HTTP://ORCID.ORG/0000-0001-9029-3676](http://ORCID.ORG/0000-0001-9029-3676)

Resumo

O objetivo geral do texto é refletir sobre alguns resultados preliminares de pesquisa realizada junto a jovens estudantes de cursos técnicos de nível médio oferecidos por uma reconhecida instituição de ensino federal e, simultaneamente, inseridos em diferentes cursos de nível superior. O foco é observar o movimento através do qual esses jovens produzem arranjos e articulações diversas no âmbito da educação e do trabalho tendo como foco a inserção profissional e prolongamento da escolaridade. Os dados apresentados resultaram da realização de entrevistas individuais semiestruturadas que percorrem as trajetórias dos sujeitos envolvidos.

Abstract:

The general objective of the text is to reflect on some preliminary results of research carried out with young students of technical high school courses offered by a recognized federal educational institution and, simultaneously, inserted in different courses of higher level. The focus is to observe the movement through which these young people produce diverse arrangements and articulations in the field of education and work with a focus on professional insertion and extension of schooling. The data presented resulted from the realization of semi-structured individual interviews that follow the trajectories of the subjects involved.

Résumé:

L'objectif général du texte est de réfléchir sur certains résultats préliminaires de la recherche menée auprès de jeunes étudiants de cours de lycée technique offerts par un établissement d'enseignement fédéral reconnu et, simultanément, insérés dans différents cours de niveau supérieur. Il s'agit d'observer le mouvement par lequel ces jeunes produisent des arrangements et des articulations diverses entre l'éducation et le travail en mettant l'accent sur l'insertion professionnelle et l'extension de la scolarité. Les données présentées résultent de la réalisation d'entretiens individuels semi-structurés qui suivent les trajectoires des sujets impliqués.

Introdução

Um dos objetivos centrais desse texto está em discutir as relações entre mudanças no mundo do trabalho, educação profissional e juventude com base em uma parcela dos dados obtidos mediante pesquisa realizada junto a estudantes inseridos em cursos profissionalizantes de nível médio oferecidos pela rede federal de ensino. Nosso interesse esteve em compreender como se configuram as conjunturas em que esses jovens escolhem (ou são escolhidos) uma formação técnica para finalizar sua escolaridade básica e como constroem vinculações entre o curso técnico e o ingresso no ensino superior.

As diversas e profundas modificações ocorridas, e ainda em curso, no mundo da produção material da existência, ou seja, do trabalho humano, é uma questão amplamente debatida nos estudos contemporâneos. Esse debate trata das mudanças na base material a partir da qual a produção se concretiza destacando-se a adoção, em larga escala, de tecnologias cada vez mais sofisticadas com a capacidade de poupar mão de obra e eliminar postos de trabalho: o capital morto se hipertrofia. Paralelamente, a discussão trata dos aspectos relacionados ao perfil do trabalhador que seria adequado a essa base tecnológica mais complexa, as novas habilidades e competências necessárias para que esse indivíduo permanecesse ‘atraente’ ao mercado de trabalho.

Os especialistas discutem os métodos e as tendências na perspectiva de uma nova organização do trabalho. As empresas se ocupam das inovações para racionalizar e aumentar a produção e a precariedade dos empregos.

É certo que essa combinação dinâmica de fatores atinge o conjunto dos trabalhadores, entendido, de modo mais amplo, como aqueles que vivem de seu próprio trabalho e atinge, igualmente a população jovem que se vê diante da instabilidade, precariedade e exigências mais elevadas por qualificação profissional e níveis de escolarização.

Os estudos apontam para o difícil contexto de inserção profissional das populações jovens não apenas no Brasil como em grande parte dos países. As taxas de desemprego entre jovens é um indicador direto da amplitude da questão que se evidencia.

No Brasil a taxa de desemprego que atinge jovens entre 18 e 24 anos chegou a 27,1% em março de 2020. No Nordeste esse percentual chegou a 34,1%. Quando observamos a escolaridade os dados indicam que para aqueles com ensino médio incompleto a taxa chega a 20,4% enquanto para os portadores de diploma de nível superior é de 6,3% (IBGE/PNADC, 2020).

Na configuração atual em que o Brasil enfrenta a maior crise sanitária da história recente com a pandemia do novo Corona Vírus Sars-COV-2 a crise econômica já vivida pelo país se aprofundou consideravelmente. A Pnad-Covid 19, divulgada em meados de junho 2020 indica 12,3 milhões de desempregados sendo 27% dentre eles jovens entre 18 e 24 anos. Se consideramos o primeiro trimestre de 2020 os jovens representavam 35% do trabalho temporário. A situação se agravou para o conjunto da sociedade e em especial para os jovens expostos a contratos de trabalho precários, agora envolvidos pelo contexto da pandemia em que figuram como parcela da população menos vulnerável à contaminação.

Assim, a questão da inserção socio profissional ganha novos ingredientes num cenário onde os postos de trabalho mais estáveis tendem não apenas a encolherem como, ao mesmo tempo, a exigirem habilidades e competências ainda mais complexas na contrapartida de uma instabilidade profissional de duração mais prolongada. O discurso da empregabilidade e empreendedorismo parece brotar na semântica como uma possibilidade.

É nesse cenário que educação e a qualificação profissional se colocam frente a demandas cognitivas, técnicas, atitudinais e de gestão para que os jovens tornem-se competitivos e empregáveis. Nessa direção Beck (1988) indica a incerteza, a descontinuidade e a contingência como marcas da sociedade contemporânea. Ainda sobre esses aspectos Kuenzer (1999) assinala a lógica da dupla exclusão complementar: de um lado a “exclusão includente” que se evidencia no mercado de trabalho que exclui a força de trabalho de postos reestruturados para reinseri-los precariamente em outros pontos da cadeia produtiva; e a segunda refere-se à “inclusão excludente” que ocorre no campo da educação que, sob a égide das políticas públicas democratizantes, inclui indivíduos em todos os pontos da cadeia “educativa” ao tempo que torna precário esse mesmo processo educativo, progressivamente reduzido à mera possibilidade de certificação, passaporte incapaz de assegurar inclusão e permanência no mercado de trabalho.

É nessa engrenagem que os jovens em geral encontram-se diante de uma lógica de sociabilidade da incerteza. O par educação e trabalho que funcionou como uma combinação exitosa para mobilidade e ascensão social se insere, também, no terreno da fluidez. Se esse quadro afeta os jovens é certo que mostra-se mais perverso para aqueles que já enfrentam dificuldade em manter-se na escola e ingressam precocemente no mundo do trabalho.

Para muitos jovens, diante de um tal cenário, um curso profissionalizante de nível médio mostra-se uma possibilidade, uma aposta e é nessa perspectiva que refletimos sobre parte dos dados produzidos através de pesquisa realizada junto a jovens estudantes inseridos em diferentes cursos técnicos em uma das unidades da rede federal de formação profissional, rede essa que conta com forte prestígio e reconhecimento social, bem como goza de reputação positiva junto ao mercado de trabalho. Dos 4 jovens que compõem essa amostra, 3 são, simultaneamente, estudantes do ensino superior em uma instituição federal de ensino[i].

Numa perspectiva qualitativa adotamos as entrevistas semiestruturadas como estratégia para produção de dados. Essas entrevistas foram realizadas individualmente a partir de um roteiro previamente definido em torno de alguns pontos centrais, tais como: a família, a escolha do curso e da instituição profissionalizante e o ingresso no ensino superior a fim de observar como esses aspectos se articulam na constituição de uma perspectiva de vida e de futuro profissional.

Educação profissional, trabalho e ensino superior: em busca de um emprego

As trajetórias ocupacionais e formativas de jovens têm adquirido novas características: descontinuidades, combinando educação e trabalho, inserção e exclusão do mercado (TILLMANN, COMIM, 2016; CORSEUIL, BOTELHO, 2014). A transição entre a escola e o trabalho ou a “passagem para a vida adulta” mostra-se mais complexa. Parece-nos, portanto, difícil compreender essa nova realidade a partir da perspectiva das transições lineares enquanto sucessão de etapas previsíveis em direção à idade adulta quando se observa que tais dificuldades atingem transversalmente a população jovem e mesmo aqueles que dispõem de formação técnica em nível médio, escolaridade em torno da qual os jovens alimentam expectativas mais promissoras em relação à obtenção de um emprego.

Como base para as reflexões que os dados nos sugeriram optamos por centrar nossa atenção em torno de uma amostra composta por 4 jovens, são eles: Ana (25 anos) ligada ao curso de Informática e cursa Administração em uma instituição privada, Frank (19 anos) que cursa Segurança do Trabalho no nível técnico e faz Ciências Sociais em uma universidade federal, Elaine (19) matriculada em Química e em Engenharia Agrônômica e Livia (19 anos) que também cursa o técnico em Química.

Transitando entre os depoimentos, um primeiro aspecto que emerge das entrevistas está relacionado ao contexto em que a escolha por um curso profissionalizante se realiza.

Lívia, uma jovem de 19 anos, a única das estudantes que não estava inserida no ensino superior no momento da pesquisa, indica que foram seus pais, especialmente seu pai, que a influenciou para fazer um curso técnico de nível médio inspirado em sua própria experiência como trabalhador terceirizado da Petrobrás. Assim, a perspectiva de um futuro promissor, com um emprego estável numa grande empresa aparece como elemento base para buscar uma qualificação profissional já no ensino médio. Lívia, serve-se assim da vivência de seu pai no mercado de trabalho para efetivar seu ingresso na Escola Profissionalizante.

as influências foram dos meus pais, realmente também, eles influenciaram bastante, meu pai ele trabalhava para uma firma terceirizada que trabalha para Petrobrás. Então, ele sempre dizia, faça o curso técnico porque é um curso rápido de certa forma, emparedando com superior é um curso bem mais rápido, e também é um curso ótimo para concurso. (...) prestar um concurso para CODEVASP ou para a Petrobrás pode ter certeza, que você vai tá ali garantido seu emprego até pro resto da vida. Então isso para mim foi incentivo. Poxa eu quero estabilidade financeira, pensava assim, e quero isso rápido, então a única forma de conseguir foi fazendo a prova para ver se conseguia realmente (...) só que quem mais me influenciou foi meu pai por ele ter uma vivência já na área, não de química, mas, ele já trabalhava em firmas que utilizam, que eu utilizava como o curso técnico, então ele me influenciou muito mais.

Lívia, teve toda sua escolarização no sistema público de educação, sem nenhuma reprovação, e tem origem em uma “família humilde”, mãe cozinheira em um colégio público estadual, costureira e dona de casa e pai terceirizado, mas terceirizado numa grande empresa identificada como patrimônio nacional, a Petrobrás. Terminado o Ensino Fundamental II ela conquista uma vaga no curso de Química de Alimentos, almejado desde há muito tempo por motivos que emergem de forma clara em suas palavras:

Eu tinha informações que química era um curso muito bom, e que conseguia trabalho, que o curso técnico era muito mais fácil conseguir trabalho do que o superior, aí isso foi o que me levou realmente a abrir minha cabeça para tentar fazer o curso.

Lívia já deixa antever, acima, o seu olhar sobre o diploma universitário e quando questionada sobre esse aspecto ela coloca seu ponto de vista:

O curso técnico tem mais chance de emprego, porque o curso técnico ele é para você, para as indústrias, empresas, é um curso mais proveitoso, mais aplicado, você trabalha muito mais na prática do que o superior. O superior eu acho que vai mais pro lado acadêmico, mas com a área de desenvolvimento de pesquisa, já o técnico é como se diz no popular é mão na massa mesmo.

O trabalho entrou cedo na vida de Lívia, esse parece ser um traço frequente entre os jovens que chegam a uma formação técnica de nível médio e, muitas vezes, essa experiência precoce é tomada como positiva pois “ensina muita coisa” tal como ter iniciativa, autonomia, adaptabilidade, algumas das competências que o mercado de trabalho espera de um jovem técnico:

Eu já fui professora de reforço escolar, eu já fiz artesanato, já pintei quadro, já pintei cerâmica, eu já me virei, eu já bordei sandália, eu já fiz muita coisa para ganhar dinheiro. Então assim, eu acho que trabalho, emprego você tem na sua firma tudo certinho, trabalho, trabalho é aquilo que lhe dá trabalho. Trabalho todo mundo tem, trabalho todo mundo pode trabalhar, todo mundo pode se virar para ganhar um dinheirinho. É fato. Eu já vendi trufa, eu já fiz muita coisa porque estudante precisa de um trabalho, não precisa de um emprego e sim de uma forma de ganhar um dinheirinho para ao menos custear o material que você gasta. Então, isso é interessante, é você ter uma perspectiva de querer fazer alguma coisa, planejar para se virar e ganhar um dinheirinho.

Apesar de muito jovem, Livia compreendeu desde cedo que os cenários sociais marcados pela crescente flexibilização das relações laborais e a precarização do emprego tiveram um impacto especial no modo como os jovens acedem ao mercado de trabalho. Um emprego "para toda a vida" é algo que os jovens não podem considerar como garantido o que tem contribuído para aumentar sua mobilidade profissional e geográfica.

Para Ana que conclui o curso técnico em Informática e cursa Administração em uma instituição privada, a escolha do curso técnico se explica com uma evidência pela situação financeira familiar:

Na realidade a escolha foi a questão financeira, eu precisava ir para uma escola pública, que era a Escola Profissional, então foi quando eu decidi, quando eu sai do médio eu sai um pouco sem noção do que eu queria na vida, aí várias pessoas foram indicando, há! Já fazer Escola Profissional, e aí eu fiz e passei.

Ao tratar sobre a “escolha” por um curso técnico de nível médio Ana se refere a importância de sua família em sua escolarização, apesar de ter começado a trabalhar aos 14 anos:

Sempre eu ouvir falar que os estudos é a base de tudo; a maior herança que meu pai deixou foi justamente a educação, então ele se preocupou muito quanto a isso, na oitava série eu tive uma boa base, ingressei na parte técnica.

Ela atribui essa “boa base” na formação escolar a um certo tipo de ensino que caracteriza como ‘tradicional’ e relaciona esse aspecto ao nível de exigência dos professores:

As escolas públicas não podem repetir o aluno; as escolas particulares têm aquela coisa de que, se eu reprovar o aluno, no próximo ano perder o aluno, no próximo ano o aluno vai para outra escola; então naquela época não existia isso ou você estudava ou perderia o ano, ou você estudava mesmo, se compromete com os estudos, ou você provavelmente perderia ano, atrasaria, né! E hoje eu vejo que não existe mais isso.

Ao estabelecer a relação entre a “boa base” e o ingresso no curso técnico Ana chama atenção para a seletividade da Escola Profissional que frequentou: uma escola pública federal que oferece o nível médio e além disso um certificado de técnico reconhecido pelo mercado de trabalho em decorrência do prestígio e excelência da instituição.

Sobre as vantagens de uma formação profissional em nível médio Ana considera que é uma possibilidade de viver a transição para a condição de trabalhador de modo mais acelerado:

Na Escola você já começa a sair da “redoma”, que você é criado durante o ensino fundamental, você já começa a perceber o que é que o mercado está exigindo, o que é que o mercado está precisando, você já vê a concorrência lá mesmo, você já vai vendo algumas coisas do ambiente empresarial.

Sobre a escolha do curso de Informática Ana explica que:

Meus pais sempre me deixaram sempre muito aberta para escolher o que eu queria, né! Na realidade, também foi falta de opção de curso; na época, existia informática, tinha construção civil, que eu era zero em desenho; e tinha também a parte de eletro, eletrônica, também não eram cursos que me agradavam; então o único que me agradava mais era informática.

O depoimento de Ana aponta a perspectiva explicativa que ela elabora para seu êxito na conquista da vaga na Escola Profissional. Essa ‘explicação’ combina o compromisso familiar com a escolarização de seus filhos e exigência por bons resultados na escola fundamental ao que ela acrescenta que foi “principalmente o ensino fundamental, que me deu base para está atingindo aí o nível técnico e superior”. Junte-se a isso o seu próprio engajamento ao salientar que nunca foi reprovada.

Zago (2000), ao analisar as práticas de escolarização das famílias das camadas populares indica o papel importante que assumem no prolongamento da vida escolar de seus filhos, seja atuando como núcleo de apoio (objetivo e subjetivo) e incentivo, seja atuando como fonte de descrédito e desconfiança quanto à possibilidade de seus filhos ingressarem na universidade.

Sobre a busca por um curso superior Ana explica que se deu em função da necessidade de desenvolver habilidades e competências que o curso técnico não lhe permitiu desenvolver e que passaram a ser centrais para que pudesse aproveitar oportunidades de emprego. Isso porque ela, terminado o estágio obrigatório para obtenção do diploma de técnico de nível médio pela rede federal, ela trabalhou durante cerca de 2 anos na área de gestão de informática. A partir dessa situação ela busca o ensino superior e ingressa no curso superior em Administração numa Instituição pública federal e acaba por migrar para uma instituição privada que lhe garantia finalizar o curso mais rapidamente.

O meu reconhecimento profissional, até eu diria que veio cedo, porque a maioria das pessoas saem da faculdade com 23, 24 e daí é que vão galgar caminho, então meu custo benefício foi muito maior, por isso que eu resolvi fazer essa transferência.

Entretanto, o contato com a área da administração, área em que conquistaria seu diploma de nível superior mais tarde, deu-se quando, ainda, era aluna da Escola Profissional onde, ao ingressar, obteve uma Bolsa Trabalho. Como beneficiária dessa Bolsa tinha o compromisso de trabalhar durante 4 horas por dia atuando no setor de licitação e contrato da Escola e, segundo ela, esse foi o contato inicial com a gestão o que ela considera “como fundamental” em sua trajetória.

Elaine, por sua vez, segue na mesma lógica que vimos na fala das outras estudantes: a combinação entre curso técnico profissionalizante e curso universitário como possibilidade de uma melhor

inserção no mercado de trabalho. Nessa perspectiva, no momento da pesquisa, Elaine encontrava-se cursando duas formações universitárias em áreas distintas: Pedagogia numa instituição particular onde obteve uma bolsa integral pelo Programa Universidade para Todos (*ProUni*) e Engenharia Agrônômica em uma instituição federal.

Elaine, fez o curso técnico em Análise de Processos Químicos, sua segunda opção na lista de desejos. A primeira opção era o curso técnico de Saneamento Ambiental, mas mudanças na modalidade da oferta dessa formação impediram que ela pudesse concretizar o ingresso. Assim, o certificado de técnico de nível médio foi conquistado no âmbito da química.

A opção pela Escola Profissional deveu-se a fatores semelhantes aos apontados pelas outras jovens, mas a questão do reconhecimento social da instituição parece ter sido ingrediente mais valorizado.

Por ser uma escola boa, por ser uma escola pública...por ser perto da minha casa. Mas, foi mais pelo respaldo que a Escola tem. Porque se você, eu acho, se você chegar, as pessoas podem dizer que não, mas se você chegar com o curso técnico da Escola e um curso técnico de outra instituição particular, as pessoas dão mais crédito à pessoa da Escola.

Lendo atentamente o que nos diz Elaine acima observamos que o destaque atribuído a excelência da instituição se transfere para o certificado de técnico que a Escola oferece. Além disso, a conquista de tal certificação transfere simbolicamente essa excelência e reconhecimento social para o próprio jovem que a possui. Assim, obter uma tal formação que se notabiliza pela seletividade e prestígio da instituição que atesta a qualidade dos profissionais ali formados aponta para melhores chances de inserção profissional, uma vez que esses jovens se distinguem dos demais (ARENHART, 2014).

Para Elaine, o ingresso no ensino superior, especialmente no curso de engenharia agrônômica, resultava do interesse em potencializar a formação como técnica em Química e a possibilidade de uma inserção profissional na empresa em que fazia seu estágio, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Como se vê Elaine vai construindo sua teia de possibilidades articulando os esforços já realizado com as oportunidades que se apresentam. Ela parece saber das dificuldades que os jovens enfrentam no mercado de trabalho:

Eu só não concordo muito quando precisa de experiência. Pra uma pessoa chegar pra um jovem de 21 anos pedindo experiência. É meio difícil se ninguém dá oportunidade, quando converso com meus colegas discutimos, principalmente a questão das dificuldades dos jovens arrumar um emprego (...) o jovem conseguindo uma vaga na universidade não quer dizer ter uma vaga no mercado de trabalho, mas já é uma grande ajuda. Porque se você com faculdade, diploma de bacharel, do que for está difícil, imagine sem nada.

Por fim temos o Frank, um jovem de 19 anos, que cursava Segurança do Trabalho na Escola Profissional e Ciências Sociais numa instituição federal de nível superior. Trata-se de um outro jovem originário de uma família com pais de baixa escolaridade e que mora numa cidade vizinha à cidade em que estuda. Ele apresenta sua família:

Minha mãe é costureira, desde que eu conheço é costureira; meu padrasto é motorista (risos), meu padrasto ele é motorista, ele trabalha, vai volta, vai volta, trabalha e desemprega direto, ele tem as coisas dele aí; meu irmão

também estuda aqui, faz Física, Física Licenciatura; e a gente está estudando, e vai fazendo o que pode.

Logo no início da entrevista ele destaca que está estagiando há dois anos: um estágio extra curricular que conseguiu em função do curso profissionalizante e isso evita que ele esteja na condição de desempregado como assinala com ênfase.

O esforço de se desdobrar para acompanhar os dois cursos está relacionado ao papel que esse jovem atribui a educação:

Educação é uma visão de futuro, é a perspectiva de futuro melhor, mas que na verdade a gente vê que a formação é realmente para o mercado de trabalho, pra mim o fundamental é isso da educação. Tem mais ou menos o incentivo da família e por iniciativa própria, porque tem muita gente que é filhinho de papai, e aí você vai se esforçando mais pra conseguir um trabalho, emprego, pro futuro mesmo, porque se for incentivo mesmo, é a parte financeira.

Apesar de ter conquistado uma vaga numa universidade federal no Curso de Ciências Sociais, Frank não está de todo contente já que seu projeto é cursar Direito que pode lhe abrir outras perspectivas profissionais e para isso estava engajado em repetir o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e melhorar sua pontuação já que uma vaga no curso de Direito significa enfrentar uma concorrência elevada. Enquanto esse plano não se concretiza ele segue na formação universitária que, apesar de não ser a desejada, confessa que tem interesse.

De certo modo o conjunto desses jovens encontrou uma maneira de se beneficiar de alterações na estruturação da educação profissional no Brasil, ocorridas no início do século XXI, que permitiram a rearticulação entre formação profissional e geral sob três modalidades possíveis: integrada, concomitante e subsequente e adota como eixo as questões da competência, aspecto que aparece de forma pulverizada no depoimento de todos os jovens.

Assim, os formatos conhecidos de educação profissional sofreram remodelações. A escola profissional guarda seu lugar na formação desses jovens trabalhadores que buscam prolongar a trajetória escolar avançando para o nível superior num movimento de ampliação de aquisição de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho: interpretação e uso de linguagens diversificadas, clareza na comunicação, capacidade para trabalhar em grupo, análise, rapidez na resposta, avaliar, resistir a pressões, enfrentar os desafios das mudanças, aprender constantemente, gerenciar processos, etc.

Considerações finais

Refletindo sobre o conjunto dos depoimentos aqui apresentados podemos apontar que a noção de trajetórias entendida como percursos descritos por sujeitos aptos a responder ao imponderável que os cercam nos parece mais adequado para uma análise preocupada em entender como jovens adquirem a formação, a qualificação e competências necessárias ao desenvolvimento de suas atividades. Segundo Pais (2005), a compreensão dessa configuração juvenil a partir de modelos mecânicos de interpretação não é capaz de acompanhar a dinâmica e complexidade desse contexto. A natureza complexa dessas transições no mundo contemporâneo tem interrogado diferentes paradigmas teóricos

No contexto atual de incertezas e acirramento da precarização das formas de contratação do trabalho, aprofundadas pela crise sanitária da COVID-19, mostra-se inadequado pensar trajetórias de constituição de qualificações e competências de forma linear com base exclusivamente em parâmetros etários. Somado a essa evidência temos a intensificação da inserção da ciência e das tecnologias nos processos produtivos e mesmo no setor dos serviços demandando, cada vez mais, habilidades mais complexas no uso de conhecimento de diferentes áreas para resolver o imprevisível.

Como, há alguns anos assinalou Frigotto (1999) será a aquisição do conjunto dessas características que definirá a “empregabilidade, trabalhabilidade, laborabilidade” como parâmetro da capacidade do indivíduo em adequar-se aos postos de trabalho disponíveis, o que se vincula a trajetórias diferenciadas e sofisticadas a partir de uma base comum de conhecimentos. Do mesmo modo, a certificação escolar associada diretamente a formação profissional obtida em cursos técnicos já não é mais suficiente. A “empregabilidade” se vincula à capacidade de adaptação a situações novas, e mesmo excepcionais como a que marca os dias de pandemia, o que significa, para a grande maioria dos jovens, submeter-se a situações cada vez mais precárias sob todos os aspectos. A noção de flexibilidade entendida como a capacidade de criar, buscar uma educação permanente para se adaptar à dinâmica da vida social e produtiva pode, portanto, aparecer como privilégio de alguns.

Observando os depoimentos acima é possível evidenciar que para esses jovens não se colocou a questão de estudar ou trabalhar, aqui a situação é dar conta de estudar e trabalhar. Quando falamos de trabalhar estamos nos referindo tanto a ocupações formais remuneradas, ‘o emprego de carteira assinada’, objetivo principal de todos os jovens que participaram da pesquisa tal como emerge dos depoimentos, como, também, os chamados “bicos”, ocupações transitórias e sazonais sem qualquer vínculo, a que se referiu uma de nossas entrevistadas: aulas de reforço, pintar cerâmica, bordar sandálias, vender doces, etc.

Chamamos atenção, ainda, para o fato de 3 dos 4 depoimentos serem de jovens do sexo feminino para destacar as atividades domésticas, trabalho invisível, que todas elas realizam em seus cotidianos para ajudar no ‘funcionamento’ da família: afazeres da cozinha, cuidar de um irmão mais novo, limpeza da casa, etc., dentre outras tarefas comuns na dinâmica da casa. Todas elas moram com suas famílias, mas seus pais e mães trabalham em período integral, sem possibilidade financeira de custear o serviço de diaristas, por exemplo.

Ainda que as mudanças sejam profundas aos jovens é inculcada a representação do sistema de ensino como fonte de garantia de alguma igualdade de oportunidades, porém os capitais herdados são distintos assim, nem sempre a uma igualdade de oportunidades corresponderá uma igualdade de resultados.

Os jovens que ‘vimos’ aqui buscam uma carreira profissional, ter uma profissão, alguma estabilidade para viver a vida e investem num engajamento centrado na profissionalização e prolongamento da escolaridade ultrapassando o patamar escolar de suas famílias de origem. A relevância do papel da família, o compromisso com os estudos desde cedo, mesmo que em escolas onde a qualidade do ensino pode ser questionável, situação corriqueira quando mencionamos a educação básica no Brasil, aparecem como combinação frequente nos depoimentos mas, ao mesmo tempo, sabemos que para famílias menos favorecidas o custo da oportunidade de realizar estudos mais longos é elevado se consideramos que a transição entre escola e trabalho tem sido mais prolongada e, cada vez, mais específica ao indivíduo frente a reestruturação do mercado de trabalho, práticas mais flexíveis de emprego e políticas sociais que dificultam, ainda mais, o processo de transição do jovem para a vida adulta.

É de fato uma ‘ginástica’ continuada e complexa definir e redefinir meios para articular e rearticular desejos, condições objetivas e possibilidades concretas, múltiplo desafio imposto, há tempos, à sociedade brasileira na encruzilhada entre juventude, trabalho e educação.

Referências

ABRAMO, Helena & BRANCO, Pedro Paulo (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Instituto da Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, M. e CASTRO, M.G. **Juventude, Juventudes**: o que une e o que separa. Brasília: UNESCO, 2006. Disponível em <<http://www.unesco.org.br>>. Acesso em 15 jul. 2020.

ARENHART, D. O que move a ação dos indivíduos? Um diálogo com Pierre Bourdieu e François Dubet. **Revista Pedagógica**, v.16, n.33, Jul/Dez. 2014

CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: CASTEL, R, WANDERLEY, L.W, WANDERLEY, M. **A desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 1997.

CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Org.). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Brasília: Ipea, 2014.

DUBAR, C. Réflexions sociologiques sur la notion d'insertion. In: CHARLOT, B. e GLASMAN, D. (dir.). **Les jeunes, l'insertion, l'emploi**. Collection Essai&Recherches. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

FRIGOTTO, G. Globalização e a crise do emprego: mistificações e perspectivas da formação técnico-profissional. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 31-45, maio/ago, 1999.

HIRATA, H. Da polarização das qualificações ao modelo de competência. In: KUENZER, A. Z. Educação Profissional: Categorias para uma Nova Pedagogia do Trabalho. In: **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v.25, n.2, maio/ago, 1999.

KUENZER, A. Z. A educação profissional nos anos 2000: A dimensão subordinada das políticas de inclusão. In: **Revista Educação e Sociedade**. Campinas: v.27, n.96, out, 2006.

LASSANCE, M. C. P. **A orientação profissional e a globalização da economia**. São Paulo: Cortez, 2005.

PAIS, J. M. **Ganchos Tachos e Biscates**. 2. edição, Porto: Âmbar, 2005.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro/Campinas: ANPED/Autores Associados, Set./Dez, 2003.

TEODORO, E.G. **Identidade Profissional: perspectiva de alunos dos cursos técnicos do Cefet-Pa**. Caxambu: Anped, 2006

TILLMANN, E., COMIM, F. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração nem-nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 46, n. 2, ago. 2016.

VAN ZANTEN, A. Saber global, saberes locais. Evoluções recentes da sociologia da educação na França e na Inglaterra. In : **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro/Campinas: ANPED/Autores Associados, set/dez, 1999.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percurso de estudantes universitários de camadas populares. In : **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro/Campinas: ANPED/Autores Associados, mai/ago, 2006.

[1] A fim de manter o anonimato dos participantes optamos por não identificar a unidade de ensino e sempre nos referiremos a ela como Escola Profissional. Assim, pelo mesmo motivo, para nos referir aos jovens usamos codinomes ao longo do texto.

**Doutora em Educação pela Universidade de Paris 8. Professora Associada do Centro de Cultura Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CECULT/UFRB). Grupo de Pesquisa Educação e Contemporaneidade E-mail: anabrteixeira@hotmail.com.